

Gladiadores na arena: O espetáculo público e a estigmatização do corpo¹

RENATA SENNA GARRAFFONI

RESUMO:

Os combates de gladiadores, realizados por mais de cinco séculos nas diversas províncias romanas, nos deixaram uma grande quantidade de vestígios materiais e textos escritos. Neste contexto, o presente artigo visa a mapear as principais fontes e, focando na perspectiva da exposição do corpo na arena, discutir outras possibilidades de estudar o cotidiano destes homens e mulheres que lutaram nos anfiteatros romanos, a partir de um viés interpretativo que considera a pluralidade das relações humanas em cada espetáculo.

Palavras chaves: Gladiadores romanos; historiografia; cultura material e documento escrito.

ABSTRACT

The gladiators' shows, which happened for more than five centuries at the Romans cities, left us a great deal of sources. In this context, this paper aims at discussing how these sources can provide us different ways to study the daily of these men and women who fought at Roman arenas, focusing at the exhibition of the bodies and weapons during the games.

Key words: Roman gladiators; historiography; material culture and written sources.

HOJE EM DIA, PASSAR EM FRENTE das ruínas dos anfiteatros, entrar, subir e sentar em suas arquibancadas ou percorrer seu subsolo e os diversos corredores onde se preparavam os espetáculos desperta os mais

distintos sentimentos: incredulidade, medo, revolta, horror, tristeza, estranhamento, curiosidade e, por que não, profunda admiração pela bravura dos que ali lutaram, pereceram ou venceram, e pela magnitude do monumento. Independente do sentimento, o fato é que em pleno século XXI ninguém permanece indiferente diante do *Amphiteathrum Flavium*, mais conhecido como Coliseu, ou a menor das arenas romanas.

Imaginar que milhares de homens, mulheres, crianças e idosos das mais diferentes etnias, condições sociais e *status* jurídico subiram as mesmas escadas e se acomodaram em seus respectivos lugares para assistir a um bom combate, a uma inesquecível caçada, a uma impressionante naumáquia², a execução de criminosos ou simplesmente para encontrar amigos e, até mesmo com um pouco de sorte, flertar³ é para nós, hoje, no mínimo diferente. Por mais que isso cause um estranhamento e, para alguns um profundo choque, esses anfiteatros que hoje permanecem silenciosos foram palcos das mais diversas relações sociais e, por isso, se constituem em espaços que, ao serem explorados pelo historiador, fornecem indícios deste aspecto cotidiano e singular do Império romano.

Durante o período imperial, mais de uma centena de anfiteatros foram construídos nos mais longínquos pontos e, como muitos deles ainda permanecem, são fontes importantes para os pesquisadores que se dedicam a estudar essa instituição. Os acentos coletivos ou os demarcados com os nomes das famílias senatoriais, por exemplo, são imprescindíveis para conhecermos os membros das elites e grupos dominantes locais. Já as inscrições honoríficas, dedicatórias religiosas, as de caráter funcional ou mesmo os anúncios dos espetáculos nos fornecem algumas pistas sobre as complexas redes de relações que se formavam para realizar os espetáculos. A arena propriamente dita, com seus túneis subterrâneos e pátios adjacentes para o treinamento dos gladiadores, por outro lado, conforma um espaço único que expressa a produção de uma tecnologia e arquitetura específica para a organização e manutenção dos eventos.

Citamos aqui o anfiteatro por ser o local onde ocorriam os combates, mas a riqueza de fontes sobre o tema vai além dos limites das arenas. Se pensarmos na documentação escrita, encontraremos referências aos combates de gladiadores em tratados filosóficos de Epiteto, Sêneca, Apuleio, nas narrativas históricas de Tito Lívio, Salústio, Suetônio, Tácito, nos escritos de Cícero e de Plínio, nas divertidas sátiras de Juvenal, Marcial e Petronônio, nas *Confissões* de Santo Agostinho, além de escritos oficiais como as *Res Gestae* de Augusto ou o *Digesto* de Justiniano. Humor, Filosofia, legislação, História, registro de feitos memoráveis, seja para zombar, criticar ou narrar a grandiosidade dos espetáculos. Estes romanos imortalizaram as cenas

das arenas em seus discursos, deixando registros de suas impressões sobre o fenômeno a partir de seu momento histórico e de suas visões de mundo.

Por outro lado, se pensarmos na documentação material, também encontramos uma diversidade de objetos particulares de cada região do Império e do período em que foram confeccionados. Entre tais objetos há os relevos funerários daqueles cidadãos que propiciaram espetáculos com baixo-relevos que nos apresentam representações dos diferentes tipos de gladiadores, as formas de suas armas e vestimentas ou as pinturas de parede que decoraram o *podium* dos anfiteatros e casas como em Pompéia. Além de moedas comemorativas, lamparinas de cerâmica com os movimentos ou cenas de combates mais diversos, odres para carregar água, pratos, vasos e os belos mosaicos que coloriram espaços públicos ou privados, em especial os que provinham do norte da África no século III d.C. Nesta listagem poderíamos inserir, ainda, as lápides funerárias de gladiadores que nos contam suas vitórias, derrotas ou amores, os grafites parietais que expressam a admiração de seus fãs ou suas proezas amorosas, suas armas encontradas em Pompéia com representações mitológicas, ou mesmo as centenas de bonecos de terracota encontrados em diversas regiões da península itálica e fora dela⁴.

Diante de tantas fontes, muitos historiadores se debruçaram sobre elas e desde o século XIX vêm produzindo uma série de interpretações que marcaram a historiografia e nosso entendimento das lutas em particular e das camadas populares em geral. Friedländer e Mommsen em suas vastas e eruditas pesquisas semearam, ainda em finais do século XIX, algumas interpretações que foram, aos poucos, se cristalizando durante o século XX e se transformaram em conceitos relevantes como a consagrada interpretação do *pão e circo* ou a idéia de que a arena servia para imprimir a identidade romana sobre as populações conquistadas (FRIEDLÄNDER, 1947: 497-519, 546-606; MOMMSEN, T., 1983). Outras interpretações também surgiram, como o caráter religioso dos combates, a denúncia da violência e exploração a que os gladiadores estavam submetidos, a idéia de conquista e da arena como símbolo da romanização, além, é claro, da crítica à imagem dos romanos como um *povo* apático e apreciador de espetáculos sangrentos (CLAVEL-LÈVÊQUE, M., 1984; FUTREL, A., 1997; GRANT, M., 1960: 129-156; GRANT, M., 1967; HOPKINS, K., 1983; VEYNE, P., 1990; WIEDEMANN, T., 1996; WIEDEMANN, T., 1995)⁵.

Embora estejamos resumindo aqui em poucas palavras um complexo debate acadêmico sobre a questão, a razão para isto se justifica na medida em que gostaríamos de destacar um ponto em comum, que caracteriza muitos dos discursos acerca dos

espetáculos: a elaboração de modelos interpretativos que procuram explicar o fenômeno como um todo, desde a primeira luta até sua extinção, isto é, mais cinco séculos de História, passando por cima de suas particularidades e deixando para um segundo plano seus protagonistas, os gladiadores.

A partir da década de 1980, várias pesquisas seguiram um caminho de questionamento de interpretações mais tradicionais: Sabbatini Tumolesi (SABBATINI TUMOLESI, P.L., 1980) critica a postura de muitos pesquisadores de aplicar um olhar moderno e preconceituoso aos combates nas arenas, Brown em “Explaining the arena: did the Romans ‘need’ gladiators?” (BROWN, S., 1995: 376-384) questiona os modelos normativos e instiga a uma busca de outras interpretações, Kyle em um sugestivo artigo intitulado “Rethinking the Roman arena: gladiators, sorrows and games” (KYLE, D.G., 1997:94-97) incentiva um repensar dos conceitos empregados.

Instigada pelas críticas destes autores, acreditamos que a possibilidade de discutir a questão do corpo é um caminho produtivo para dialogar com uma historiografia mais tradicional. Mas em que uma reflexão sobre o corpo na arena pode ajudar neste processo? Ao pensarmos sobre o corpo dos combatentes e os símbolos que eles expressam é possível deslocar a perspectiva de análise, isto é, ao invés de buscarmos uma explicação geral sobre os espetáculos de cunho político ou em nome de uma identidade romana única, podemos, por exemplo, nos aproximarmos dos indivíduos que ali lutaram e seguir em busca de alternativas de interpretações sobre o cotidiano destas pessoas que sejam mais plurais. Em outras palavras, esta perspectiva pode lançar luzes sobre os conflitos que atingiam estes sujeitos que, muitas vezes, são desconsiderados em modelos normativos de cultura de caráter sociológico⁶.

Nesse sentido, trazendo o enfoque para os protagonistas dos combates, podemos refletir sobre a dinâmica das relações sociais, as maneiras de apresentar-se para o público e de expor o próprio corpo na arena abrem perspectivas de análise ainda pouco exploradas pela historiografia. Só para citar como exemplo, das inúmeras armas e peças de proteção como elmos e escudos ricamente trabalhados encontrados em Pompéia e os símbolos nelas expressas que ficavam em evidência no momento dos combates pouco se discutiu. Sobre o assunto, temos as publicações de Meier em 1881 (MEIER, J.P., 1881; MEIER, J.P., s/d.) e depois sua retomada para o verbete *Gladiator* do *Dicionário das Antiguidades Gregas e Latinas* de Lafaye escrito em 1896 (LAFAYE, G., 1896: 1563-1599).

A perspectiva lançada por Meier de comparar as peças encontradas com os relevos fúnebres permite uma aproximação destes símbolos e seus distintos

usos, além de fornecer subsídios para discutir os tipos de treinamento a que muitos homens e algumas mulheres se submetiam para utilizar determinadas vestimentas no momento do combate⁷.

Desde o centro da arena, a exposição dos corpos e das armas sob os olhos atentos dos espectadores expressa uma outra perspectiva de relação: a platéia poderia reconhecer pelas características dos armamentos utilizados seus gladiadores preferidos e as distintas etnias expressas em suas vestimentas. Nesse sentido, é possível argumentar que um estudo da evidência do corpo durante a luta em conjunto com a epigrafia (lápides de gladiadores ou dos grafites que eles próprios escreviam) desloca a perspectiva de análise e permite uma outra leitura que visa ao cotidiano do indivíduo que entrava nas arenas para combater.

Embora a questão das armas e vestimentas tenha sido pouco explorada pela historiografia, há um outro aspecto mais estudado: a estigmatização da profissão de gladiador e sua erotização. Edwards, por exemplo, em um capítulo para o livro *Roman Sexualities* intitulado “Unespeakable professions: Public performance and prostitution in Ancient Rome” publicado em 1997, afirma que gladiadores, prostitutas e atores eram estigmatizados por venderem o próprio corpo para o prazer de outros (EDWARDS, C., 1997: 66-95). Inseridos na categoria jurídica de *infamia* gladiadores, assim como prostitutas e atores, aparecem sempre relacionados nas leis e em textos literários o que leva a autora a afirmar que o fato de possuírem baixo *status* social, pois estavam submetidos a castigos corporais e não gozavam dos direitos dos cidadãos, os tornavam aliados de pessoas que praticavam formas desviantes de sexualidades da Antiga Roma.

Nesse contexto, desnudo e desqualificado, o gladiador não possuía nada que possibilitasse a criação de uma identidade própria, sendo definido somente por sua espada. Dentro desta idéia de paria, defendida por muitos estudiosos, está a interpretação de Wiedemann apresentada em *Emperors and Gladiators* (WIEDEMANN, T., 1995). Embora Edwards não indique uma solução para o conflito dos gladiadores, excluídos e estigmatizados que eventualmente poderiam se tornar heróis, Wiedemann afirma que a arena era um lugar de redenção, onde gladiadores, *infames*, poderiam readquirir a *fama* de duas maneiras: lutando bravamente e sendo reconhecido pela torcida ou, ao perder, teria morte rápida, pela espada exclusividade dos cidadãos. No argumento de ambos segue, portanto, uma interpretação com forte ênfase na exclusão social.

Mesmo se considerarmos a condição de *infamia*, conceito questionado por muitos pesquisadores que afirmam que sua concepção se altera de acordo com a legislação de cada período do Império⁸, o fato de os gladiadores exercerem

uma atividade que se encaixava nesta categoria jurídica não impedia que estes homens e mulheres estabelecessem redes de relações pessoais. As lápides, com dedicatórias de familiares e amigos que expressam fragmentos de suas vidas, os grafites contando suas façanhas e conquistas amorosas, além das armas e vestimentas, que expressavam uma maneira de reconhecimento por parte do público, são fontes importantes para repensarmos como se produziam outras formas de identidades possibilitando a ação destes sujeitos.

Nosso esforço em ressaltar não só uma variedade de fontes, que não se restringe aos documentos escritos, como também outra possibilidade teórica para repensar o cotidiano dos gladiadores indica uma postura que busca maneiras alternativas de interpretar as camadas populares do Império romano. Inspirada nas propostas de Horsfall, acreditamos que mais que reforçar a idéia do gosto pelo pão e circo, sexo, vinho e violência, é necessário criar alternativas para a idéia predominante de uma massa manipulada pela elite e ressaltar as distintas formas de relações sociais que são criativas, únicas e surpreendentes (HORSFALL, N., 1996)⁹. O gosto pelos banquetes e jogos nas arenas, por mais que nos pareça estranho e distante, não pode reduzir ou menosprezar a capacidade de ação e organização destes indivíduos. Todos esses registros mencionados aqui, mesmo que de maneira breve, nos propiciam, portanto, um *corpus* heterogêneo e complexo que expressa pontos de vista coincidentes ou não e exprimem, também, a arte e engenho de diversas etnias que compunham as distintas camadas da população romana.

AGRADECIMENTOS:

Agradeço a Regina Bustamante, André Chevitaese, Lourdes Feitosa, Pedro Paulo Funari, Norma M. Mendes, por seus comentários no momento da apresentação do texto no XII Ciclo de debates em História Antiga. Agradeço, ainda, o apoio institucional da FAPESP e da UNICAMP. A responsabilidade das idéias restringe-se à autora.

BIBLIOGRAFIA CITADA:

Fontes:

- OVÍDIO, *El arte de amar*, Editorial Ramón Sopena, Barcelona, 2000.
 SUETÔNIO, *The lives of the Caesars*, (trad. J.C. Rolfe), Harvard University Press, Londres, Coleção Loeb, 1989.

Bibliografia moderna:

- BELTRÁN MARTÍNEZ, A. et BELTRÁN LLORIS, F. La 'epigrafia anfiteatral', in: *El anfiteatro de Tàrraco – estudio de los hallazgos epigráficos*, Tarragona: Grafica Gabriel Gibert, pp. 25-27, 1991.
 BLANCO FREIJEIRO, A., "Mosaicos romanos con escenas de circo y anfiteatro en el Museo Arqueológico Nacional", *Archivo Español de Arqueología*, tomo XXIII, Madrid, pp. 127-142, 1950.
 BLÁZQUEZ, J. M., "Representaciones de gladiadores en el museo Arqueológico Nacional", *Zephyrus*, IX, Salamanca, pp. 79-94, 1958.
 BROWN, S., "Explaining the arena: did the Romans 'need' gladiators?", *Journal of Roman Archaeology*, Michigan University Press, Michigan, vol. 8, pp. 376-384, 1995.
 CLAVEL-LÈVÊQUE, M., *L'Empire en jeux – espace symbolique et pratique sociale dans le monde Romain*: Paris, Editions du Centre National de la Recherche Scientifique, 1984.
 EDWARDS, C., "Unespeakable professions: public performance and prostitution in Ancient Rome" in: HALLET, J.P. ET SKINNER, M.B. (orgs) *Roman sexualities*, Nova Jersey: Princeton University Press, pp. 66-95, 1997.
 FRIEDLÄNDER, L., "Los espetáculos", in: *La sociedad romana – Historia de las costumbres en Roma, desde Augusto hasta los Antoninos*, Madrid: Fondo de la Cultura Economica, pp. 497-519 e 546-606, 1947.
 FUNARI, P.P.A., "Graphic caricature and the *ethos* of ordinary people at Pompeii", *Journal of European Archaeology*, 1, 2, pp. 133-150, 1983.
 FUNARI, P.P.A., *Cultura Popular na Antigüidade Clássica*, S.P.: Contexto, 1989.
 FUNARI, P.P.A., Resenha – Emperors & Gladiators de T. Wiedemann, *Boletim do C.P.A., IFCH/UNICAMP*, pp.89 – 94, 1996.
 FUNARI, P.P.A., Resenha – La cultura della plebs romana de Nicholas Horsfall, *Revista Brasileira de História*, vol.18, nº36, pp.429-432, 1998.
 FUTREL, A., *Blood in the arena: the spectacle of Roman Power*, Austin: University of Texas Press, 1997.
 GRANT, M., "Súbditos y esclavos", *El mundo romano*, Madrid: Ediciones Guadarrama, pp. 129-156, 1960.
 GRANT, M., *Gladiators*, Londres: The Trinity Press, 1967.
 HOPKINS, K., *Death and Renewal – sociological studies in Roman History*, vol. 2, Cambridge: Cambridge University Press, 1983.
 HORSFALL, N., *La Cultura della plebs Romana*, Barcelona: PPU, 1996.
 JONES, S., *The Archeology of Ethnicity: Constructing identities in the past and present*, Londres: Routledge, 1997.
 KÖHNE, E., "Gladiators and the Caesars – the power of spectacle in Ancient Rome", *Minerva*, vol. 11, nº 3, pp. 34-36, 2000.
 KYLE, D.G., "Rethinking the Roman arena: gladiators, sorrows and games", *The Ancient History Bulletin*, vol. 11, nº 1, pp. 94-97, 1997.
 LAFAYE, G., "Gladiator", SAGLIO, M. E. (org.) *Dictionnaire des Antiquités Grecques et Romaines*, Paris: Librairie Hachette, tomo II, pp. 1563-1599, 1896.

- MEIER, J.P., *De gladiatura romana (Dissertatio)*, Bonn, 1881.
- MEIER, J.P., *Gladiatorendarstellungen auf rheinschen Monumenten*, Bonn, s/d.
- MOMMSEN, T., *El mundo de los Cesares*, Madri: Fondo de Cultura Económica, 1983.
- POMMERAY, L., *Études sur l'infamie en droit romain*, Paris: Librairie du Recueil Sirey, 1937.
- REGINA, A. *Sangue e arena*, Roma: Electa, 2002.
- SABBATINI TUMOLESI, P.L., *Gladiatorum paria: annunci di spettacoli gladiatorii a Pompei*, Roma: Edizioni di Storia e Letteratura, 1980.
- VEYNE, P. *Bread and circus: Historical Sociology and political pluralism*, Londres: The Penguin Press, 1990.
- WIEDEMANN, T., "Single combat and being roman", *Ancient Society*, 27, Bélgica, 1996.
- WIEDEMANN, T., *Emperors and Gladiators*, Londres, Routledge, 1995.

NOTAS

1 Artigo originalmente apresentado como comunicação no XII Ciclo de debates em História Antiga: *Olhares do corpo*, promovido pelo LHIA (Laboratório de História Antiga) da UFRJ, de 04 a 08 de novembro de 2002.

2 Os anfiteatros de grande porte possuíam uma estrutura de drenagem de água que permitia que o centro da arena fosse inundado possibilitando a representação de batalhas navais, as chamadas naumáquias (em latim, *naumachia, ae*). Embora nem sempre eram realizadas devido ao seu alto custo, há vários registros de sua ocorrência em Suetônio.

3 Ovídeo em *Ars Amatoria* aponta o espaço público como um bom lugar para encontrar e seduzir uma nova amante devido à grande quantidade de pessoas que o freqüentava. Cf., por exemplo, livro I capítulos de V a X.

4 Museus ingleses, espanhóis, italianos e alemães têm coleções que expressam esta infinidade de objetos que mencionamos. Alguns pesquisadores têm organizado exposições, catálogos ou artigos que procuram tornar pública esta diversidade de documentação material sobre os gladiadores. Cf., por exemplo: BELTRÁN MARTÍNEZ, A. et BELTRÁN LLORIS, F., 1991: 25-27; BLANCO FREIJEIRO, A., 1950: 127-142; BLÁZQUEZ, J. M., 1958: 79-94; KÖHNE, E., 2000: 34-36; REGINA, A. 2002.

5 É interessante ressaltar, ainda, que uma leitura atenta destes discursos históricos faz com que possamos refletir sobre a subjetividade dos classicistas, suas reações como o espanto, o fascínio, a incompreensão ou a repugnância são expressas através dos termos empregados em suas análises. Muitas vezes as comparações que empregam nos surpreendem: a emoção de ver a um *munus* seria como a de presenciar jogos de futebol, basquete ou baseball. Talvez a mais curiosa de todas, seja a proposta por Wiedemann quando este afirma que o excitação produzido por um combate na arena ou uma *uenatio* é o mesmo de assistir a um show de *strip-tease!* (WIEDEMANN, T., 1995: 143)

6 Para uma crítica dos modelos normativos de cultura, cf: JONES, S., 1997.

7 Ressaltamos a questão do corpo, pois ela está muito presente nos relevos funerários de ricos cidadãos que ofereceram combates. Em geral, tais representações enfatizam momentos específicos das lutas como um golpe, a vitória ou a derrota e os corpos, musculaturas e armas sempre são bem trabalhados nos relevos, evidenciando movimentos distintos.

8 Sobre a questão da infâmia, veja, POMMERAY, L., 1937.

9 Para a crítica de interpretações homogeneizadoras das camadas populares, cf. também: FUNARI, P.P.A., 1989; FUNARI, P.P.A., 1983: 133-150; FUNARI, P.P.A., 1996: 89 – 94, FUNARI, P.P.A., 1998: 429-432.